

A casa Roque Gameiro

ArquitECTURA

e azulejaria

João Cravo

Um dos monumentos arquitectónicos mais importantes do concelho da Amadora é, sem dúvida, a Casa Roque Gameiro, actualmente em processo de recuperação e musealização.

Além do seu valor artístico, esta casa representa também uma época, na história recente da Amadora. Com efeito, em finais do século XIX, esta região começa a ser procurada por uma burguesia intelectual e endinheirada que mudará definitivamente o rumo, marcadamente rural, dos três núcleos que irão mais tarde constituir a Amadora: Venteira, Falagueira e Porcalhota. A Venteira iniciará essa transformação e é precisamente aí que Alfredo Roque Gameiro, um dos notáveis aquarelistas portugueses, se irá instalar.

A construção da casa será feita em duas fases, a primeira em 1898 do risco do próprio Roque Gameiro e a segunda de 1900 do arquitecto Raul Lino. Estas duas fases correspondem simultaneamente a duas fases da Casa Portuguesa, movimento arquitectónico de finais do século XIX. Assim, para entendermos a Casa Roque Gameiro, será necessário conhecer esta problemática.

A 11 de Janeiro de 1890 Portugal recebe o ultimato inglês que acabou com o sonho luso de ligar Angola a Moçambique (Mapa Cor de Rosa). De facto, o governo português imediatamente acede a todas as reivindicações dos ingleses, que pretendiam dominar uma faixa africana, do Cairo ao Cabo.

Numa época em que o romantismo tinha difundido o nacionalismo pela Europa, os portugueses reagem emocionalmente a este acontecimento, através de uma procura apaixonada pelas raízes, na qual os republicanos apstaram politicamente. A ideia de uma Casa Portuguesa poderia ser, assim, o emblema de uma consciência histórica e de um patriotismo magoado. Esta ideia não era nova. Já em 1873, Adolfo Coelho (um dos subscritores dos objectivos e programas das Conferências do Casino), a tinha proposto. Mas é a partir de 1890 que a estilização formal vai acontecer. Nessa linha estará a casa, no Porto, do eng. Ricardo Severo (um dos homens do 31 de Janeiro de 1891).

Se sociologicamente estas primeiras experiências são interessantes, o seu valor arquitectónico é reduzido. Normalmente encontramos meras estilizações decorativas, integrando influências históricas e etnográficas, de várias épocas e regiões do País.

É assim a primeira fase da Casa Roque Gameiro, com a sua chaminé alentejana, o alpendre minhoto, as vergas de portas e janelas neo-

românicas, neo-góticas e neo-manuelinas. Apesar disso o conjunto resultou francamente agradável, ao que não será estranho o bom gosto do autor.

A partir de 1900 começa a trabalhar Raul Lino. Este arquitecto que estuda na Alemanha e em Inglaterra, vai trazer para a Casa Portuguesa uma nova concepção de arquitectura organicista, com uma integração histórica e ecológica, influenciada directamente pela *Domestic Revival* inglesa.

Em 1900 Lino assina um projecto para o pavilhão português da Exposição de Paris, que não foi construído. A Casa Roque Gameiro será assim a sua primeira obra construída. É portanto esta segunda fase da casa, que inaugurará a influência em Portugal da *Domestic Revival*, com a sua integração no relevo, a sua preocupação pela entrada de ar e de luz e todo o seu sentido estrutural. Aliás, tudo isto estará bem representado e desenvolvido na futura obra arquitectónica e teórica de Lino.

Além do interesse arquitectónico, a Casa Roque Gameiro guarda ainda um importante recheio azulejar, no qual terão trabalhado Roque Gameiro e Raul Lino, a que se juntará outro nome insigne — Rafael Bordalo Pinheiro. É deste artista e da sua fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, o notável silhar de ajulejos da sala de jantar. Estes são relevados e policromos com um padrão formado por quatro cabeças de nabo e um remate com maçarocas e cachos de uva alternados. Para além destes azulejos, também terão sido realizados na mesma fábrica, outros elementos cerâmicos da casa.

Tudo indica que a maior parte dos restantes azulejos do recheio terão sido feitos, provavelmente, a partir de cartões de Roque Gameiro e Raul Lino, a não ser alguns, de várias épocas e várias fábricas que Roque Gameiro terá agrupado, nalguns casos com original bom gosto. Dos primeiros, ressalta a influência do movimento inglês *Arts and Crafts*, que advoga uma aproximação entre a produção industrial em série e a qualidade da produção artística artesanal. Como exemplo temos o magnífico padrão do quarto superior da torre, estampilhado a azul e branco, formado por um cruzamento de troncos finos, dos quais irradiam diversas folhas e pequenas flores. Para além do tratamento *Arts and Crafts*, há aqui também uma aproximação às tendências da *Arte Nova* inglesa (*Modern Style*) e alemã (*Jugendstil*).

Muito mais haveria para dizer acerca deste notável exemplar do património amadoreense, mas ficaremos por aqui, recomendando vivamente a todos, uma visita, quando possível. Aliás, as obras já vão demoradas e a casa precisa de ser devolvida à população.